

**JÚLIA PEREIRA DA SILVA<sup>1</sup>**

**A IDEOLOGIA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO: MEIOS DE RESISTÊNCIA  
CONTRA OS AVANÇOS DO FASCISMO NAS CIÊNCIAS HUMANAS A  
PARTIR DE UMA LEITURA DE THEODOR W. ADORNO**

Texto a ser apresentado no V Seminário  
Discente do PPGS-USP no GT8: Teoria social,  
teoria sociológica e teoria crítica

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Maringoni de  
Oliveira (UFABC)

Coorientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo Gomes  
Carneiro (UFABC)

**2019**

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC – UFABC.

## **IDEOLOGIA EM THEODOR W. ADORNO**

Para tratar do problema da ideologia, Theodor W. Adorno realiza uma breve observação da mudança do conceito em seus diferentes períodos históricos, e essa mutação conceitual é, por sua vez, relacional com as mudanças do próprio objeto: “[...] o significado de “ideologia”, e o que são as ideologias, só pode ser entendido se se reconhece o movimento histórico deste conceito, que é ao mesmo tempo o desenvolvimento histórico da coisa.” (ADORNO, 1969, p. 184, tradução nossa). O problema da ideologia em Adorno aparece vinculado todo o tempo com a crítica necessária dessa. Por isso, há sempre o questionamento de como fazer uma crítica da ideologia conforme a configuração da ideologia atual.

Para isso os textos “A ideologia” de Adorno no livro “Sociedade: lições de sociologia” (1969) de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer e “Introdução à sociologia” (1968) de Theodor W. Adorno são fundamentais.

### **1. Ideologia como falsa consciência**

Curiosamente, Adorno não inicia sua análise histórica da ideologia na origem do termo com De Tracy, mas retorna até Francis Bacon. A intenção com isso é voltar à ideia de falsa consciência.

Entre os séculos XVI e XVII, começo da sociedade moderna burguesa, Francis Bacon escreve a favor da razão contra a falsa consciência que cria ídolos e preconceitos coletivos. Essa falsa consciência desenvolvida nos homens pode ocorrer, segundo Bacon, por meio da linguagem. Dessa forma, o autor faz uma crítica positivista da linguagem em seu “Novum Organon” (1620):

“Os homens se associam entre si com ajuda da linguagem: mas os nomes são atribuídos às coisas segundo o arbítrio do vulgar, e por isso o intelecto se vê entorpecido de maneira singular pelas denominações inadequadas... As palavras violentam o intelecto e turvam todas as coisas.” (BACON apud ADORNO, 1969, p. 184, tradução nossa)

A partir dessa ideia de Bacon sobre como se daria essa construção dos preconceitos coletivos, dos ídolos, ou seja, da falsa consciência, Adorno questiona dois pontos. O primeiro é o de que, por não haver ainda nesse momento inicial do Esclarecimento moderno a análise das condições materiais dos sujeitos e objetos, há uma tendência à essencialização do homem. De acordo com essa interpretação, a falsa consciência então não seria produto do contexto concreto, mas de uma natureza imutável dos homens. Dessa forma, ao ser entendida como algo intrínseco ao sujeito, há uma manutenção do *status quo* e uma legitimação da dominação. O segundo ponto seria o de que Bacon relega o problema da falsa consciência à uma questão de linguagem, a um problema lógico. Com isso, o conceito de Bacon de falsa consciência/ideologia – como o autor renomeia no texto – é visivelmente subjetivista e idealista na sua tentativa de dar base a uma racionalidade burguesa nascente em oposição à dominação teológica. Bacon, sem querer, demonstra os limites de sua própria racionalidade que é incapaz ainda de desenvolver percepções de totalidade e de análise material. (ADORNO, 1969)

Com os iluministas, em especial os enciclopedistas, a crítica à falsa consciência se aprofundou mais, sendo entendida como criação dos poderosos para manter o *status quo*, sem nunca alcançar uma sociedade efetivamente racional. Mesmo assim, a crítica seguia frágil, entendendo a falsa consciência como estratégia mirabolante de um grupo social, foram raras as exceções de pensadores que desenvolveram para além dessa formulação, Adorno cita:

[...] Helvecio, talvez o pensador mais forte do enciclopedismo, já havia visto no caráter de necessidade objetiva aquilo que seus contemporâneos atribuíam ao arbítrio maligno de alguma corja: “Nossas ideias são consequência necessária da sociedade em que vivemos.” (ADORNO, 1969, p. 187, tradução nossa)

## **2. A ideologia dos ideólogos**

Seguindo esse apontamento da falsa consciência como uma necessidade objetiva já em Helvecio, os ideólogos da escola francesa irão prosseguir com o estudo da falsa consciência por meio de sua ciência das ideias, a ideologia - agora sim o termo de fato surge com Destutt De Tracy como já visto. Influenciado pelo empirismo francês, pelas tendências matemático-cientificistas da época e:

Referindo-se ao sensualismo do espírito fortemente materialista de Condillac, Destutt de Tracy trata de reduzir todas as ideias à sua origem nos sentidos. E já não lhe basta a refutação da falsa consciência e a denúncia dos objetivos aos quais esta serve, mas que qualquer consciência, falsa ou correta, deve ser reduzida, segundo ele, às leis que a governam. Daqui à concepção da necessidade social de todos os conteúdos da consciência não tem mais que um passo. (ADORNO, 1969, p. 187, tradução nossa)

Apesar da intenção progressista para seu tempo ao visar a organização racional do mundo por meio da organização das ideias, os ideólogos, como De Tracy, demonstravam, da mesma forma que Bacon, suas limitações. Ambos compartilham um princípio de pensamento que subentendia uma harmonia social automática logo que se organizasse a consciência dos homens para que cada um pudesse agir conforme seus interesses, agora esclarecidos. Esse princípio idealista de pensamento não é só burguês, como é ideológico em si. Outra limitação de De Tracy, era a de que nessa percepção que priorizava as ideias frente a prática, já havia a elaboração de um domínio da sociedade pela ciência que se consolida na filosofia comteana. E, por fim, o materialismo dos ideólogos se torna questionável ao acreditarem que a consciência determina o ser, excluindo a análise objetiva das ideias e o problema da verdade. Dessa forma, se tornam alvos para a crítica de Napoleão que se coloca como defensor do realismo político em oposição aos princípios abstratos e metafísicos desses intelectuais. Dessa elaboração que os ideólogos fazem da falsa consciência, acabam por fazer, eles mesmos, ideologia, no sentido marxista do termo:

[...] já predomina a ideia de que com o correto conhecimento do quimismo das ideias é possível dominar os homens. E essa ideia deixa

de lado o problema da verdade e da captação objetiva das ideias, coerente com a atitude cética na qual se inspirava a escola dos *ideólogos*. Em segundo lugar, também desaparece a investigação das tendências históricas objetivas das quais depende a sociedade, seja em seu cego desenvolvimento como processo “natural”, como na potencialidade de seu consciente ordenamento racional. (ADORNO, 1969, p. 190, tradução nossa)

### **3. Ideologia na sociedade industrial: a razão totalitária**

#### 3.1 Necessidade de atualização da crítica da ideologia: a racionalidade irracional

Adorno destaca a relação da ideologia com o espírito burguês que surge numa sociedade industrial cada vez mais desenvolvida. Primeiro, deve-se destacar a abstração que apenas a sociedade burguesa é capaz através da venda de mercadorias: “A troca de mercadorias efetua uma equação entre coisas que são, na verdade, incomensuráveis, e, para Adorno, o mesmo ocorre com o pensamento ideológico.” (EAGLETON, 1991, p. 115). Essa universalização abstrata que a ideologia propaga é fruto da própria base social, e esse pensamento ideológico/reificado leva essa equalização às últimas consequências. E, em seguida, há que se compreender que apenas numa sociedade onde as relações não são claras, pois são abstratamente mediadas, como a sociedade industrial – baseada na alienação -, é que essa ideologia universalizante pode surgir para justificar condições sociais insustentáveis:

Essa [ideologia], como consequência objetivamente necessária e ao mesmo tempo falsa, como entrelaçamento inseparável de verdade e contraverdade, que se distingue tanto da verdade total como da simples mentira, pertence se não unicamente a nossa sociedade, pelo menos a uma sociedade na qual já se tenha desenvolvido uma economia urbana de mercado. *A ideologia, com efeito, é justificação*. Pressupõe, pois, uma experiência de uma condição social que se tornou problemática e conhecida como tal, mas que deve ser defendida [...]. (ADORNO, 1969, p. 191, tradução nossa)

A crítica à ideologia seria, portanto, a comparação de seu conceito com sua aplicação real, numa tensão em que o verdadeiro e o falso desse objeto apareceriam. Porém essa crítica só seria aplicável a uma ideologia que contém um conteúdo racional, e, como mostra Adorno, a ideologia contemporânea se desenvolveu para uma fase de irracionalidade<sup>38</sup> e barbárie – nazismo e fascismo são citados como exemplos históricos desse momento -, onde a crítica não tem onde apoiar-se mais e o que está sempre presente é um chamado à violência contra qualquer resistência verdadeiramente racional, uma ameaça à própria racionalidade. E o que emerge daí é uma razão reificada e totalitária, baseada no princípio de identidade homogeneizadora. Segundo Eagleton (1991, p. 116): “Para Adorno, a ideologia é uma forma de “pensamento de identidade” – um estilo veladamente paranóico de racionalidade, que transmuta inexoravelmente a singularidade e a pluralidade das coisas em mero simulacro de si. [...]”. Dessa forma, a ideologia contemporânea na sociedade industrial, já não pode ser mais entendida somente como falsa consciência necessária e por isso sua crítica deve também mudar:

O objetivo da crítica da ideologia totalitária não pode se reduzir a refutar teses que não pretendem de modo algum – ou que só pretendem como larvas e espectros do pensamento – possuir uma autonomia e uma coerência interna. Melhor será analisar a que configurações psicológicas querem se referir, para se servirem delas; que efeitos desejam produzir nos homens, e estas são coisas incomensuravelmente distintas do que aparece nas declamações oficiais. Existe logo o problema de estudar porquê e como a sociedade moderna produz homens capazes de reagir ante estes estímulos, dos que inclusive tem necessidade e cujos interpretes são logo os chefes e demagogos de qualquer estirpe. É necessário o desenvolvimento que conduziu a tais transformações históricas da ideologia, não o conteúdo e o contexto nos quais se expressa o resultado ideológico. (ADORNO, 1969, p. 192-193, tradução nossa)

Ora, a crítica da ideologia não pode mais se desenvolver pela confrontação imediata com a verdade interna de seus conteúdos, já que os elementos ideológicos perderam sua racionalidade e coerência interna. Por conseguinte, a crítica da ideologia contemporânea terá de se atualizar e ter como base a estrutura da sociedade e os seus desenvolvimentos objetivos e subjetivos, pois é aí onde está a realidade dessa ideologia e não em seu discurso que não preza a mínima lógica. Além de uma concepção

materialista, a crítica da ideologia deve ser histórica, já que, justamente o pensamento reificado é a exclusão do processo histórico para a naturalização do que está posto:

““Toda reificação é um esquecimento” e crítica significa propriamente o mesmo que recordação, isto é, mobilizar nos fenômenos o que fez que estes se tornaram aquilo que se converteram, para assim apreender uma outra possibilidade de vir-a-ser e converter-se em algo outro.” (ADORNO, 2008, p. 336-337)

### 3.2 Ciência reificada: a crítica se torna ideologia

Para acompanhar essa mutação histórica da ideologia na sociedade, Adorno analisa também seu desenvolvimento no âmbito científico notando que aí também ocorrem alterações, o que torna a ciência incapaz de acompanhar a necessidade de atualização de uma crítica da ideologia. Nesse ambiente científico, a tendência é a de perda completa de qualquer imagem de totalidade social o que rompe com a noção de verdade e a possibilidade de crítica. Sobre esse tipo de ciência, Adorno cita Max Weber e Pareto:

Mas Weber [...] negou a existência ou ao menos a cognoscibilidade de uma estrutura total da sociedade e de sua relação com os produtos espirituais, e propôs em troca distinguir, com a ajuda de uma tipologia ideal não submetida a um princípio geral, mas adequada aos interesses “desinteressados” da investigação, o momento “primário” do “secundário”. Sua orientação se conjugava com o ideal de Pareto: ao limitar, nos fatos, a teoria da ideologia a uma demonstração de dependências isoladas, o que significava passar de uma teoria da sociedade em seu conjunto a uma hipótese sobre conexões individuais de dados [...] Max Weber chegava ao mesmo efeito obtido por Pareto, ampliando o conceito de ideologia, em sua célebre teoria dos derivados, até apagar qualquer determinação específica. Dessa maneira, a explicação social da falsa consciência se converte em sabotagem teórica de qualquer forma de consciência: para Max Weber a ideologia remete a um preconceito que é preciso controlar passo a passo; para Pareto qualquer produção de cultura é ideologia. (ADORNO, 1969, p. 193-194, tradução nossa)

Com essa lógica reificada, a crítica da ideologia cai no relativismo, já que a verdade se torna um conceito que pode ser interpretado conforme interesses particulares, tudo é ideológico, ao mesmo tempo que nada o é nesse tipo de razão. Se observa um grande retrocesso, em especial no pensamento de Pareto, para análises essencialistas e que ignoram as condições sociais, restringindo à casos individuais e isolados, o que torna a questão da ideologia apenas uma questão psicológica. O subjetivismo de Pareto gera outra problemática:

[...] faz derivar a não verdade das ideologias do esforço realizado *a posteriori* pelos homens para fundar e justificar racionalmente seus verdadeiros motivos, e não das condições sociais e das ordens de mistificação objetivamente pré-constituídos. Portanto, nem sequer se coloca o problema do elemento de verdade das ideologias, que só é perceptível psicologicamente em relação com condições objetivas. (ADORNO, 1969, p. 196, tradução nossa)

Ao negar qualquer elemento de verdade da ideologia, Pareto se nega a conhecer de fato o objeto. Como consequência, essa ciência relativista serve ao interesse do Estado totalitário ao afirmar que toda produção cultural é ideológica, legitimando cnicamente a dominação. Ao afastar a teoria da ideologia de uma teoria da sociedade, se aproxima mais a teoria da ideologia de uma ciência exata, o que acaba por sacrificar o conceito. Adorno comenta o caso de Max Scheler que intenta criar uma tipologia das ideologias rígida e vertical, este, por sua vez,

Compartilha, com a posição oposta de Pareto, a ausência radical de consciência histórica. A oposição de pensamento estático-ontológico e dinâmico-nominalista é pobre e carece de diferenciações internas, e não só isso, mas também é equivocada com respeito à estrutura mesma da produção ideológica. (ADORNO, 1969, p. 198, tradução nossa)

Nem a posição essencialista de Pareto, nem o nominalismo de Scheler são coerentes como crítica à ideologia. Em ambos os casos, acabam por denominar tudo como ideológico ao se colocarem na categoria de neutralidade, e se opõem por completo à uma visão objetiva de totalidade social que preza por uma concepção concreta de



verdade ao se basear em Hegel. Com a ausência dessa visão, a teoria da ideologia, seja em Pareto, Scheler, Manheim ou Weber, ficam defasadas no sentido de que, e neste ponto o autor se refere à Weber, quando há uma totalidade social ela funciona em correlação mecânica com suas produções espirituais, estabelecendo uma relação dualista. Essa concepção teórica impossibilita a percepção do caráter dialético da ideologia onde ela é falsa consciência, mas também verdadeira:

Com isso, a teoria da ideologia fica fragmentada, por um lado, em um esquema completamente abstrato da totalidade, no qual escapam a riqueza das articulações reais, e em um cúmulo de estudos monográficos por outro. Entre estes dois elementos fica um vazio no qual se perde o problema dialético da ideologia, que é falsa consciência, e não somente falsa. O véu que se interpõe necessariamente entre a sociedade e a compreensão social de sua natureza expressa ao mesmo tempo essa natureza, em virtude de seu caráter de véu necessário. As ideologias verdadeiras e próprias se convertem em não verdadeiras só na relação em que se colocam com respeito a realidade mesma. Podem ser verdadeiras “em si”, como o são as ideias de liberdade, de humanidade de justiça, mas não verdadeiras quando tem a presunção de estarem já realizadas. (ADORNO, 1969, p. 200, tradução nossa)

Dessa forma, essa análise sobre o âmbito científico demonstra que a estrutura da ideologia contemporânea invade o modo de fazer ciência. As modificações da estrutura material afetam objetiva e subjetivamente a ciência, esta se torna reificada, incapaz de perceber uma totalidade e de se enxergar nessa totalidade, realiza relativizações de tudo, justamente porque a lógica da troca de mercadoria se universalizou até mesmo para esse âmbito, parte apenas da análise do aqui e do agora e acaba por cair em essências e por legitimar o sistema vigente. Essa é a reificação de Lukács, a razão formalizada de Horkheimer e a ideologia no âmbito científico para Adorno. Portanto, para se fazer uma teoria da ideologia é necessário compreender e atualizar o caráter dialético desta que aparece na sua relação com a realidade, sendo necessário levar em conta as condições sociais e materiais para não se fazer ideologia ao invés de sua crítica, um risco que, desde Marx é demonstrado, ameaça toda a superestrutura, incluindo o âmbito científico.

### 3.3 A crítica da ideologia adorniana: uma crítica da cultura

Conforme a atualização da crítica da ideologia proposta por Adorno, se a racionalidade da ideologia se torna irracional por ser apenas justificção forçada da realidade e, portanto, não é mais possível analisar seu discurso em si e nem compará-la à sua verdade interior para denunciá-la, a intenção passa a ser analisar os próprios produtos ideológicos não como fim em si, mas para perceber as transformações da própria ideologia alterada por esse novo modelo de sociedade que surge, o da sociedade de massas. A partir disso, o autor chama a atenção para a debilitação da cultura – superestrutura - como consequência de ações na sociedade concreta – base -, assim, os produtos culturais tem se tornado cada vez mais efêmeros e desgastados.

Entretanto, para uma melhor compreensão do que é essa debilitação - derivada da mercantilização da cultura - e, portanto, sua reificação como meio de difusão da ideologia, é necessário observar como Adorno vê a cultura em sua forma não reificada. Para isso, o texto “Crítica cultural e sociedade” (1949) fornece essa comparação.

A cultura não é um elemento em si. Para analisá-la se faz necessário uma visão do todo, sua relação com as outras esferas, afinal a cultura é uma expressão do próprio ambiente e com isso traz uma carga de legitimação social. À essa dinâmica entre sociedade e cultura, o crítico cultural deve estar sempre atento com risco de atuar como um difusor da ideologia dominante e, de maneira tão reificada, que sequer se dá conta disso:

[...] os críticos acabaram alcançando exatamente aquela autoridade que a sua profissão pretensamente já pressupunha. Sua arrogância provém do fato de que, nas formas da sociedade concorrencial, onde todo ser é meramente um ser para outro, até mesmo o próprio crítico passa a ser medido apenas segundo seu êxito no mercado, ou seja, na medida em que ele exerce a crítica. O conhecimento efetivo dos temas não era primordial, mas sempre um produto secundário, e quanto mais falta ao crítico esse conhecimento, tanto mais essa carência passa a ser cuidadosamente substituída pelo eruditismo e pelo conformismo. Quando os críticos finalmente não entendem mais nada do que julgam em sua arena, a da arte, e deixam-se rebaixar com prazer ao papel de propagandistas ou censores, consuma-se neles a antiga falta de caráter do ofício. As prerrogativas da informação e da posição permitem que eles expressem sua opinião como se fosse a própria objetividade. Mas ela é unicamente a objetividade do espírito dominante. Os críticos da cultura ajudam a tecer o véu. (ADORNO, 2002, p. 46-47)

O papel do crítico não está na função mecânica da crítica arrogante, mas na necessidade de repor a negatividade onde a cultura a reprimiu, de repor a potencialidade da tensão onde a cultura jurou que era harmonia. Ao mesmo tempo que deve fazer justiça à cultura que traz à tona as contradições sociais. Portanto, o crítico cultural deve desobedecer à desordem travestida de ordem. Em outras palavras,

A cultura só é verdadeira quando implicitamente crítica, e o espírito que se esquece disso vinga-se de si mesmo nos críticos que ele próprio cria. [...] A crítica não é injusta quando destrói — esta ainda seria sua melhor qualidade —, mas quando, ao desobedecer, obedece. (ADORNO, 2002, p. 48)

O crítico que idealiza uma cultura para idolatrá-la a aniquila, pois a imobiliza, esteriliza sua práxis social, legitima a sua ausência de negatividade e, por consequência, celebra o existente. Nessa imobilização, a cultura perde o significado que surge justamente da tensão da realidade, e se petrifica em uma fórmula pronta. Está aí reificada.

Adorno destaca que para o crítico igualmente reificado a abolição da divisão do trabalho é o caos e não seu oposto. Ele ignora que a cultura traz sua força justamente ao criticar e denunciar essa divisão e todo o processo de produção que invade a superestrutura. Enquanto a verdadeira arte coloca a denúncia da fome, o crítico reificado vê o pecado na saciedade. Com isso é incapaz de entender que a racionalidade reificada da cultura é só uma expressão particular - e mesmo a sua própria razão reificada como crítico também o é - da irracionalidade da sociedade capitalista:

O crítico da cultura não é capaz de compreender que a reificação da própria vida repousa não em um excesso, mas em uma escassez de esclarecimento, e que as mutilações infligidas à humanidade pela racionalidade particularista contemporânea são estigmas da irracionalidade total. A abolição dessa irracionalidade, que coincidiria com a abolição da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, aparece à cegueira da crítica cultural como o caos: para quem glorifica a ordem e a estrutura de qualquer espécie, esta

separação petrificada torna-se um arquétipo do eterno. (ADORNO, 2002, p. 50)

Com este bloqueio da própria realidade que o impossibilita de entender suas tensões e demandas, o crítico reificado dirige seu julgamento conservador para questões neutralizadas, reproduzindo o discurso ideológico, mesmo quando tenta fazer uma crítica construtiva da cultura: “Sempre que a crítica cultural se queixa de materialismo, promove a crença de que o pecado é o desejo dos homens por bens de consumo, e não a organização do todo que nega aos homens esses bens: para o crítico da cultura, o pecado é a saciedade, e não a fome.” (ADORNO, 2002, p. 51)

A cultura como expressão da realidade tem culpa junto ao modo de produção presente, por isso ela deve ser negatividade para ser crítica, e ao mesmo tempo que se distancia do existente, representação de sua autonomia como arte, ela o traz junto, resultado que é dele, o põe à prova. Nessa relação dialética, a cultura nunca se afasta de vez do existente, a ponto de se tornar apenas idealista, e também não pode simplesmente reproduzi-lo ou forjá-lo como harmonia, resultando em ideologia.

Quando a cultura simplesmente nega essa separação [do trabalho intelectual do trabalho manual] e finge uma união harmoniosa, regride a algo anterior ao seu próprio conceito. Somente o espírito que, no delírio de seu caráter absoluto, se afasta por inteiro do mero existente determina verdadeiramente o mero existente em sua negatividade: mesmo que apenas um mínimo de espírito permaneça ligado à reprodução da vida, ele também há de ficar comprometido com ela. (ADORNO, 2002, p. 52)

Ao operar com esse caráter autônomo a cultura, por força da práxis social, se transforma em crítica cultural. Isto é, quando o espírito reconhece sua incompatibilidade com a realidade e se coloca sob a tarefa da crítica:

O espírito, que percebe que a realidade não se iguala a ele em tudo, mas sim está sujeita a uma dinâmica inconsciente e fatal, é impelido, contra a sua própria vontade, para além da apologia. O fato de que a teoria se transforma em um poder real quando empolga os homens fundamenta-se na objetividade do próprio espírito, que por força do

cumprimento de sua função ideológica tem de perder a fé na ideologia. Movido pela incompatibilidade da ideologia com a existência, o espírito, ao expressar o ofuscamento, expressa ao mesmo tempo a tentativa de escapar a ele. Desiludido, o espírito percebe a crueza da mera existência e passa a responsabilidade à crítica. Então, ou ele amaldiçoa a base material, a partir do sempre questionável critério de seu princípio puro, ou toma consciência, por sua incompatibilidade com a base material, de sua própria questionabilidade. Por força da dinâmica da sociedade, a cultura torna-se crítica cultural. (ADORNO, 2002, p. 54)

Portanto, a tarefa da crítica cultural acaba por ser desvelar as ideologias que forçam a harmonia do espírito com a realidade, captá-las nas desarmonias que acabam gerando ao falsear o mundo, propagandeando-o. Deve-se cancelar a naturalização com que a ideologia opera. Por isso, Adorno afirma que uma crítica dialética suspende o próprio conceito de cultura e, com isso, desvela as tendências sociais por trás destes conceitos.

A dificuldade com essa tarefa tende a ser cada vez maior, já que a produção de ideologia tem se dado de forma mais planejada e racionalizada, ainda que seja esvaziada de conteúdo, ela tem papel fundamental, porque sua forma produz sua eficiência:

Mas a própria função das ideologias torna-se manifestamente cada vez mais abstrata. A suspeita dos antigos críticos culturais se confirmou: em um mundo onde a educação é um privilégio e o aprisionamento da consciência impede de toda maneira o acesso das massas à experiência autêntica das formações espirituais, já não importam tanto os conteúdos ideológicos específicos, mas o fato de que simplesmente haja algo preenchendo o vácuo da consciência expropriada e desviando a atenção do segredo conhecido por todos. [...] A cultura tornou-se ideológica não só como a quintessência das manifestações subjetivamente elaboradas pelo espírito objetivo, mas, em maior medida, também como esfera da vida privada. Esta esconde, sob a aparência de importância e autonomia, o fato de que é mantida apenas como apêndice do processo social. (ADORNO, 2002, p. 56)

Ao ocupar esse espaço do espírito autônomo de crítica e criação, de empolgação para o novo, a ideologia quebra a tensão, interrompe a resistência pela raiz. O conteúdo é conformista, repetição do cotidiano, mas é principalmente sua onipresença objetiva e cooptação subjetiva que parece ser o motivo da preocupação de Adorno. Como resistir

se o próprio espaço da cultura que delineava o novo ao denunciar o velho, já está reificado? A cultura é apenas outra esfera onde o espírito da sociedade harmoniosa se impõe.

Mas a tenebrosa sociedade unitária não tolera mais sequer aqueles momentos relativamente autônomos e distanciados, aos quais outrora se referia a teoria da dependência causal entre superestrutura e infra-estrutura. Nessa prisão ao ar livre em que o mundo está se transformando, já nem importa mais o que depende do quê, pois tudo se tornou uno. Todos os fenômenos enrijecem-se em insígnias da dominação absoluta do que existe. Não há mais ideologia no sentido próprio de falsa consciência, mas somente propaganda a favor do mundo, mediante a sua duplicação e a mentira provocadora, que não pretende ser acreditada, mas que pede o silêncio. [...] A cultura materialisticamente transparente não se tornou materialisticamente mais honesta, apenas mais vulgar. [...] Quanto mais totalitária for a sociedade, tanto mais reificado será também o espírito, e tanto mais paradoxal será o seu intento de escapar por si mesmo da reificação. (ADORNO, 2002, p. 60)

Com isso, Adorno conclui o texto na afirmação de que partindo de um cenário de integração totalitária como esse, escrever um poema pós-Auschwitz seria um ato bárbaro. Se tudo carrega o signo do todo, mesmo a resistência, a tentativa de subjetividade traz o escárnio do sistema que até a tentativa de escape já planejou. Tentativa fadada ao fracasso quando autocontemplativa, idealista e acrítica. Para se opor de fato à reificação, essa oposição deve se dar fora dos moldes do sistema, deve se fazer cultura autônoma, portanto, crítica cultural e, logo, crítica da ideologia.

### 3.4 A cultura industrializada

Ao partir do pressuposto de que a crítica da cultura opera como uma crítica da ideologia, Adorno, mais do que se centrar nos produtos culturais, percebe um fenômeno maior que agrupa esses produtos num sistema racionalizado. Esse sistema planejado, planeja a cultura, agora industrializada, e a subjetividade dos indivíduos, agora apenas consumidores, com uma eficácia e onipresença apenas similar ao planejamento de regimes totalitários.

Seus produtos culturais se encontram tão deteriorados que perderam sua própria autonomia, se tornando reflexo da totalidade social, se autovalidando – já que não há mais o momento de negação, pois o particular heterônomo é o próprio universal – continuamente. A totalidade anterior será, nessa ideologia contemporânea, o conjunto de produtos massificados e pré-estabelecidos que intentam padronizar o estado de consciência das massas.

A falsa consciência anterior, fruto da base social, parte do espírito objetivo, se torna consciência cientificamente adaptada à ordem social. Essa adaptação ocorre por meio da estrutura onde se concentra a ideologia contemporânea graças ao avanço da técnica: a indústria cultural. Nas palavras de Adorno (2008, p. 214):

[...] as ideologias que são imediatamente portadas pelos homens, não tem sua origem social simplesmente nessas pessoas e em seu consenso, mas lhes cabem coletivamente, por tradição ou algo assim, ou então – e isto é característico para nossa sociedade vigente – são geradas através da configuração altamente concentrada e organizada da formação da opinião, através da indústria cultural [...].

Essa estrutura da indústria cultural formada por “[...] cinema, revistas, jornais, rádio, televisão, literatura de grande difusão, dos mais variados tipos [...]” (ADORNO, 1969, p. 202, tradução nossa), como ideologia dominante, acaba por realizar a reprodução da totalidade social já previamente calculada, seus produtos nas suas diversas especificidades trazem todos esse mesmo símbolo da integração. Para Adorno (2008, p. 343): “Todos nós em certa medida tomamos como ponto de partida que a indústria cultural, que deve incluir todas as forças da integração social em um sentido muito amplo, efetivamente produz, cunha ou a menos conserva os homens tal como eles são.”

#### **4. A indústria cultural como ideologia contemporânea: a duplicação da realidade**

Essa estrutura chama a atenção pela organização coerente de seu sistema que invade a vida do indivíduo por todos os lados, universalizando a lógica do capital no cotidiano do sujeito, agora já não mais só em seu tempo de trabalho, mas também em seu tempo livre, mero apêndice do primeiro. (ADORNO, 1995b, p. 73). Portanto, os objetos ideológicos, necessários para a crítica da ideologia, não podem ser entendidos sem a visão do sistema totalitário do qual fazem parte, do contrário, essa crítica acabaria por fazer parte de uma psicologia social perversa à serviço do capital que encobre a dominação do sistema ao pregar que os indivíduos têm total responsabilidade por suas ações. (ADORNO, 1995b, p. 160)

A invasão subjetiva, ou seja, a invasão da própria individualidade – consciente e inconsciente - dos sujeitos e sua anulação pela ideologia tem se tornado não só uma consequência, mas um meio necessário de manutenção dessa ideologia e da sociedade integradora, já que por si só essa sociedade que não pode cumprir as promessas que faz aos seus membros não poderia se manter, é preciso moldar os indivíduos no mais íntimo do seu ser para que eles a reproduzam por não ousarem pensar em outro tipo de sociedade:

Os sujeitos são hoje como se fossem momentos negativos; como toda ideologia, eles se movem com mais lentidão e dificuldade do que as relações econômicas e as forças produtivas, e a sociedade se preserva precisamente por meio dessa capacidade inercial dos sujeitos. Certa vez eu cheguei mesmo a afirmar que em grande medida hoje em dia os sujeitos representam uma parte da ideologia [...]. De certo modo ela corresponde a uma outra muito anterior, provavelmente de Horkheimer, segundo a qual a Psicologia ou a composição psíquica dos homens individuais se converte no “cimento” que mantém coesa a sociedade integrada também no que se refere ao seu lado subjetivo. (ADORNO, 2008, p. 341-342)

A crescente identificação das massas às normas que a indústria cultural propaga tem tornado urgente o estudo desse fenômeno e, portanto, a crítica da ideologia. A indústria cultural na sua ação totalitária se torna espírito objetivo, ao mesmo tempo que incita a irracionalidade e a violência a tudo aquilo que se opõe, de igual modo que o nazismo e o fascismo.



Dessa ideologia “[...] só fica o reconhecimento tributado ao que subsiste, um conjunto de modelos de comportamento adequados ao poderio das condições dominantes.” (ADORNO, 1969, p. 204, tradução nossa). Dessa forma, o autor (1969, p. 204, tradução nossa) resume o pressuposto ideológico na seguinte frase: “Torna-te o que tu és”. Essa ideologia contemporânea, então não será apenas justificação, mas duplicação da realidade já existente, já que a crítica negativa foi excluída. Ou seja, não há uma ideologia como teoria à parte que explique e justifique a realidade para legitimá-la, mas uma ideologia que faz apologia à própria sociedade repetindo-a integralmente, sendo ela própria realidade, proibindo qualquer elemento diferente, sua existência é sua validação. Ela se torna adaptação forçada a uma sociedade que opera com a lógica da integração:

[...] a sociedade na primeira metade, ou, mais exatamente, no segundo quartel do século XIX, ainda tinha uma classe que, por um lado, se encarregava do trabalho social, mas, por outro, ocupava uma posição mais ou menos semi-extraterritorial em relação à sociedade. Ela não se encontrava dentro da mesma, mas também foi envolvida e, como se diz, integrada, e foi completamente enredada e capturada sobretudo pela ideologia dominante, isto é, a chamada indústria cultural. Se, de um lado, o conceito de integração é visto como “subordinação a uma visão de conjunto” e como configuração racional de unidades cada vez maiores, de outro, há também no conceito de integração, desde o início, a tendência pela qual a progressiva integração dos homens é acompanhada por uma adaptação cada vez mais perfeita e completa dos mesmos ao sistema, formando os homens conforme a lógica da adaptação e convertendo-os propriamente em cópias microcósmicas do todo. (ADORNO, 2008, p. 124)

Essa duplicação da realidade integradora torna a ideologia a própria realidade, essa realidade/ideologia, ameaçadora e terrorista, censura tudo que foge de sua identidade, adverte e exclui, subjetiva e objetivamente, pois sua lógica é a lógica do capital. Nessa duplicação do real perverso, mesmo a não verdade incutida nessa ideologia é frágil e sem autonomia: “[...] sua não verdade específica se reduz ao pobre axioma de que não poderiam ser distintas do que são.” (ADORNO, 1969, p. 205, tradução nossa). Dessa forma, nesta ideologia de conteúdo pobre, porém ameaçador e violento, os homens acreditam, pois é a realidade. Entretanto, ao mesmo tempo, sabem que há uma falsidade aí. Nessa contradição de pensamento, de ver através do véu, é

colocado o potencial de resistência. Ainda há espaço subjetivo, individual, diferente que não foi cooptado pela identidade totalitária do sistema vigente. Essa contradição subjetiva advém da própria contradição objetiva do sujeito:

Poderíamos afirmar que, em sua conformação vigente, o sujeito é ambas as coisas: de um lado, ideologia, justamente porque ele não é decisivo e simplesmente porque se sentir como sujeito nessa sociedade já é algo ilusório; de outro, contudo, é o potencial, o único potencial por meio do qual essa sociedade pode se transformar, em que se acumula não só toda a negatividade do sistema, como também tudo o que aponta para além deste em sua forma vigente. (ADORNO, 2008, p. 342)

Percebendo a centralidade do papel da indústria cultural para o funcionamento da ideologia contemporânea, é necessário para a teoria da ideologia e para a crítica da mesma o estudo deste fenômeno danoso, tanto pelas suas partes quanto pelo seu sistema racionalmente organizado em íntima relação com sua base social.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista**. Margem esquerda. São Paulo, n. 7, pgs. 164-189, 2006.

\_\_\_\_\_. Breves considerações acerca da indústria da cultura. In: T. Adorno. **Sobre a indústria da cultura**. Coimbra: Angelus Novus, 2003a.

\_\_\_\_\_. Crítica cultural e sociedade. In: T. Adorno. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. Educação após Auschwitz. In: T. Adorno. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

\_\_\_\_\_. Experiências científicas nos Estados Unidos. In: T. Adorno. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Trad. M. H. Ruschel; Supervisão de A. Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1995b.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia**. Tradução W. L. Maar. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Minima moralia**: Reflexões a partir da vida danificada. Trad. Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. Prólogo sobre a televisão. In: T. Adorno. **Sobre a indústria da cultura**. Coimbra: Angelus Novus, 2003a.

\_\_\_\_\_. O ensaio como forma (pág. 15-45). In: T. Adorno. **Notas de Literatura I**. Tradução Jorge de Almeida, Ed. 34, Coleção espírito crítico, 2003b.

\_\_\_\_\_. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: **Adorno** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. Pode o público querer?. In: T. Adorno. **Sobre a indústria da cultura**. Coimbra: Angelus Novus, 2003a.

\_\_\_\_\_. Resignação. In: T. Adorno. **Sobre a indústria da cultura**. Coimbra: Angelus Novus, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Televisión y cultura de masas**. Argentina: Eudecor, 1966.

\_\_\_\_\_. Televisão e formação. In: T. Adorno. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

\_\_\_\_\_. Tempo livre. In: T. Adorno. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Trad. M. H. Ruschel; Supervisão de A. Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1995b.

\_\_\_\_\_; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução G. A. de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_; HORKHEIMER, M. **La sociedad**. Lecciones de sociología. Buenos Aires: Editorial Proteo S.C.A., 1969.

ARANTES, P. **Sobre a noção de ideologia**. [maio, 2010]. Adoramos.Ler. Disponível em: <<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/index.php?id=Autores&aut=Arantes,%20Paulo>> Acesso em: 12/08/2018.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

COHN, G. **Por que Adorno odiava tanto Weber?** [abril, 2018]. *Dialética Negativa e Crítica da Cultura – Colóquio Adorno: Reinvenção da Dialética*, 2018. Disponível em: < <http://zagaiaemrevista.com.br/dialetica-negativa-e-critica-da-cultura-coloquio-adorno-reinvencao-da-dialetica-2/> > Acesso em: 12/08/2018.

EAGLETON, T. **Ideologia**. Uma Introdução. São Paulo: Unesp/Boitempo, 1991.

GORENDER, J. Introdução. In: K. Marx; F. Engels. **A ideologia alemã**. Tradução L. C. de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

\_\_\_\_\_. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: W. Benjamin; M. Horkheimer; T. W. Adorno; J. Habermas. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).

HULLOT-KENTOR, R. Em que sentido exatamente a indústria cultural não mais existe. In: Durão, F. A; Zuin, A; Vaz, A. F. (org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MAAR, W. L. Prefácio. In: Durão, F. A; Zuin, A; Vaz, A. F. (org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: T. Adorno. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995a.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. Tradução Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução F. Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução Jesus Ranière. São Paulo: Boitempo, 2008b.

\_\_\_\_\_. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução L. C. de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NOBRE, M. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PEDROSO, G. J. T. **A realidade como ideologia**: sobre o problema da ideologia na obra de Theodor W. Adorno. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, J. P.; LIMA, V. **Uma análise do riso**: piadas como espaço de dominação e resistência. Revista Florestan, 2016.

WEBER, M. **A Ciência como vocação**. Tradução de Artur Mourão. s/d. Disponível em: <[http://www.lusosofia.net/textos/weber\\_a\\_ciencia\\_como\\_vocacao.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/weber_a_ciencia_como_vocacao.pdf)> Acesso em: 09/08/2018.

ZUIN, A.A.S; PUCCI, B; OLIVEIRA; N.R. **Adorno**: O poder educativo do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.